

COMISSÃO DE MULHERES UGT



SAÚDE DA MULHER



Cofinanciado pela
União Europeia



INSTITUTO DO EMPREGO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

COMISSÃO DE MULHERES UGT

A saúde da mulher é um tema que tem vindo a ser explorado, pois cada vez mais, tem-se reconhecido o pouco investimento da investigação médica e da sociedade na saúde da mulher.

Vários movimentos sociais feministas têm alertado para esta situação, doenças que afetam exclusivamente mulheres foram deixadas para segundo plano ou sofreram algum tipo de discriminação.

Se pensarmos no termo histeria, que tem uma longa história na medicina, que foi usada de forma errada e preconceituosa partindo de pressupostos sem base científica. Vejamos, a palavra "histeria" deriva da palavra grega para útero, "hystera", e acreditava-se que uma variedade de sintomas físicos e emocionais como convulsões, ansiedades ou paralisias, seriam causadas por questões relacionadas com o útero e fisionomia feminina.

Atualmente, na medicina moderna, este termo caiu em desuso, mas usamos ainda, demasiadas vezes, no nosso quotidiano o termo "histórica", para nos referirmos à mulher, de forma pejorativa, que revela ainda o preconceito instalado sobre a mulher, o seu temperamento e/ou sua saúde mental.

COMISSÃO DE MULHERES UGT

Um dos exemplos, que tem vindo a ser muito debatido, é a falta de investimento na saúde da mulher, mais concretamente, nas doenças como endometriose e adenomiose, cuja ambas as condições dizem respeito à presença e crescimento anormal do tecido endometrial, que provoca uma resposta local inflamatória.

No caso da adenomiose, o endométrio cresce na espessura da parede uterina. No caso da endometriose, o tecido endometrial cresce para o exterior do útero, afetando órgãos como os ovários ou as trompas de falópio e, muitas vezes, outros órgãos abdominais como o intestino.

Ora vejamos, alguns dos sintomas que as mulheres com esta condição podem experienciar. Uma mulher com adenomiose poderá ter sintomatologia como, cansaço, hemorragias menstruais abundantes, perda de sangue entre os períodos menstruais, menstruação com sangue escuro, dispepsia (dificuldades na digestão), mal-estar, astenia (fraqueza), alterações do trânsito intestinal, alterações do humor, e dor, menstruações abundantes.

COMISSÃO DE MULHERES UGT

No caso da endometriose, os sintomas podem ser, dores menstruais fortes (dismenorreia); dor a defecar (disquesia); dor a urinar (disúria); anemia; infertilidade /subfertilidade, dor pélvica crónica e durante as relações sexuais (dispareunia) podem também estar associadas a adenomiose.

Apesar do comportamento agressivo da doença esta tem uma média de dez anos para diagnóstico! Tudo isto porque, culturalmente, fomos habituados a naturalizar a dor da mulher durante a menstruação, acreditando-se que esta deveria suportar dores incapacitantes, náuseas, vômitos entre outros, devido à sua condição de mulher.

Atualmente, finalmente, vários profissionais de saúde portugueses já afirmam que se houver dor na menstruação, é porque a mulher deve ser vista por um especialista, e que estes sintomas não devem ser desvalorizados.

Não existem hoje tratamentos eficazes para a endometriose, ainda que este afete cerca de 10% das mulheres e meninas cujo diagnóstico pode levar até 10 anos, que na maioria das vezes só poderá ser confirmado através de ressonância magnética e em casos mais extremos através de cirurgia.

COMISSÃO DE MULHERES UGT

Em Portugal, a 1 de junho de 2022, através de uma iniciativa organizada pela Associação MulherEndo foi submetida uma petição na Assembleia da República, com mais de 8600 assinaturas, com vista à criação de uma Estratégia Nacional de Combate à Endometriose e Adenomiose. Como resultado desta iniciativa, desde o ano de 2023, que foi fixado o dia 01 de março como o Dia Nacional da Endometriose e da Adenomiose, em Portugal.

E mais recentemente, em 05 de março de 2024, esta Associação levou a discussão da Endometriose até ao Parlamento Europeu, com intuito de obter um “maior envolvimento do novo Governo na criação de uma estratégia eficaz de apoio às doentes de endometriose e criar um modelo para uma estratégia Europeia para a Endometriose foi uma das metas traçadas no encontro.”

O encontro contou coma presença de alguns deputados e de várias Associações representantes de doentes da Europa, com intuito de criar um modelo para uma estratégia europeia para a Endometriose.

COMISSÃO DE MULHERES UGT

Christine Metz, professora e pesquisadora de endometriose no Feinstein Institutes for Medical Research da Northwell Health em Long Island, Nova York, acredita que o fator nojo é uma grande parte da razão pela qual tem ocorrido tão poucas pesquisas sobre sangue menstrual.

A médica Sara Naseri espera modificar isso com uma startup de saúde chamada Qvin, pois acredita que examinar uma amostra de sangue mensal poderia oferecer novas descobertas na área da saúde, pois não há muitas pesquisas sobre o sangue menstrual.

A sua cofundadora da Theblood, Miriam Santer afirma: “Temos que fazer tudo do zero, desde o início. Os laboratórios examinam amostras de saliva, urina ou fezes, mas não nada para o sangue menstrual”.

Atenta à discriminação de género na saúde, a Universidade de Stanford mostrou que uma busca por "sangue menstrual" no banco de dados PubMed extraiu apenas cerca de 400 estudos sobre o assunto nas últimas décadas, sendo que, no mesmo período rondaram cerca de 10 mil pesquisas sobre disfunção erétil.

COMISSÃO DE MULHERES UGT

No que diz ainda respeito ao sangue menstrual, e os preconceitos em relação à condição da mulher, a revista de medicina BMJ Sexual & Reproductive Health, indica primeiro estudo que testa com sangue os absorventes menstruais.

Ora, se pensávamos que apenas os anúncios de publicidade tinham pudor em colocar um líquido que se assemelhasse a sangue, optando por líquidos azuis, entendemos que, até na testagem dos produtos havia esse pudor fazendo-se o teste-padrão de toda a indústria com água ou solução salina (mistura de água, sal e bicarbonato).

De acordo com este estudo, os produtos tinham uma capacidade de absorção menor do que a anunciada nos Estados Unidos, uma vez que o sangue é mais denso que a água e, logo não é absorvido de igual forma, deixando as consumidoras sujeitas a vazamentos e/ou levadas a pensar que sangram em excesso e na busca por tratamento.

COMISSÃO DE MULHERES UGT

Por falarmos na condição de ser mulher, vale referir a violência obstétrica, que segundo a descrição da Organização Mundial da Saúde traduz-se em “abusos, desrespeito, maus-tratos e negligência durante a assistência ao parto nas instituições de saúde.”

Lembremo-nos que o primeiro parto documentado na posição de decúbito dorsal (deitada) foi de um dos filhos do rei Luís XIV da França em 1663, pois ele queria ver o bebê a nascer.

Apesar de sabermos, atualmente, que esta é uma posição mais dolorosa e lenta para a dilatação, ainda como no tempo de Luís XIV, prefere-se muitas vezes privilegiar o conforto da equipa médica, do que da parturiente, mantendo esta prática, como das mais comuns em todo mundo.

Vale a pena referir as outras indústrias, que não sendo as da saúde, impactam, não só a sua saúde, como a sua longevidade, e que deverão ser, também elas, fruto de escrutínio.

COMISSÃO DE MULHERES UGT

A título de exemplo, podemos observar o que se passa na indústria automóvel, na qual, apesar dos homens causarem mais acidentes, as mulheres são mais propensas a morrer em caso de sinistro. Isto porquê? Porque os fabricantes não têm incentivos para projetar veículos seguros para mulheres, sendo que, não há nenhum teste obrigatório que simule uma condutora e sua fisionomia, ainda que, as mulheres tenham 72% mais chances de se ferir e 17% mais probabilidade de morrer num acidente. O teste de colisão frontal é realizado apenas com um condutor do sexo masculino, ou seja, não sendo tidas em consideração as diferentes densidades ósseas, estruturas musculares, fisiologias abdominais e torácicas que diferenciam as mulheres e homens.

Resumindo, ainda que se tenha percorrido um grande caminho, entre o tempo em que as mulheres eram diagnosticadas com histeria e a medicina moderna, hoje sabemos que, a desigualdade de género existe na saúde e precisa ser combatida, para que possamos ter todas, um direito básico, como o acesso à saúde!